



GEOSABERES: Revista de Estudos
Geoeducacionais
ISSN: 2178-0463
fabiomoria@gmail.com
Universidade Federal do Ceará
Brasil

CÓDIGOS CULTURAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E DE ORIGEM AFRICANA: PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS

NASCIMENTO, Taiane Flôres do

CÓDIGOS CULTURAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E DE ORIGEM AFRICANA: PERCEPÇÕES
GEOGRÁFICAS

GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, vol. 8, núm. 15, 2017

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860957004>

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v8i15.568>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

CÓDIGOS CULTURAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E DE ORIGEM AFRICANA: PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS

CULTURAL CODES IN AFRO-BRAZILIAN AND AFRICAN ORIGIN RELIGIONS: GEOGRAPHICAL PERCEPTIONS

CÓDIGOS CULTURALES EN LAS RELIGIONES AFRO-BRASILEÑAS Y ORIGEN AFRICANAS: PERCEPCIONES GEOGRÁFICAS

Taiane Flôres do NASCIMENTO
Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Brasil
tayflores181@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v8i15.568>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860957004>

 <http://orcid.org/0000-0002-5288-0287>

Recepção: 11 Janeiro 2017
Aprovação: 20 Julho 2017

RESUMO:

A Geografia Cultural é uma das tendências dentro da ciência geográfica que estuda as diferentes formas de espacialização construídas pelo homem. Seu enfoque está na descrição e análise dos códigos culturais materiais e imateriais, ou seja, de como as formas de linguagem, religião, artes, crenças e outros fenômenos culturais se transformam ou permanecem constantes em determinado espaço. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é ressaltar os códigos culturais mais visíveis dentro das manifestações de religiões afros, onde as mesmas indicam a arte de expressão dentro do código cultural religião. As manifestações tanto culturais quanto políticas, estão ganhando força e novas espacialidades vem se formando diante de inúmeras apresentações das religiões como forma de dinamização da cultura no espaço, o que justifica a relevância desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Códigos Culturais, Religião, Geografia .

ABSTRACT:

Cultural Geography is one of the trends within geographic science that studies the different forms of spatialization built by man. Its focus is on the description and analysis of material and immaterial cultural codes, that is, how forms of language, religion, arts, beliefs and other cultural phenomena transform or remain constant in a certain space. In this sense, the objective of this research is to highlight the most visible cultural codes within the manifestations of afro religions, where they indicate the art of expression within the cultural code of religion. Both cultural and political manifestations are gaining strength and new spatialities have been forming in the face of numerous presentations of religions as a way of stimulating culture in space, which justifies the relevance of this research.

KEYWORDS: Cultural Codes, Religion, Geography.

RESUMEN:

La geografía cultural es una de las tendencias dentro de la ciencia geográfica que estudia las diferentes formas de espacialidad construida por el hombre. Su atención se centra en la descripción y análisis del material cultural y códigos inmateriales, es decir, las formas de lenguaje, religión, artes, creencias y otros fenómenos culturales o la permanencia constante en un espacio dado. En este sentido, el objetivo de este trabajo es poner de relieve los códigos culturales más visibles dentro de las manifestaciones de las religiones africanas, donde se indican el arte de la expresión dentro del código religioso cultural. Las manifestaciones culturales y políticos, están ganando impulso y nueva espacialidad se ha ido formando frente a numerosas presentaciones de las religiones como un medio de promoción cultural en el espacio, lo que explica la relevancia de esta investigación.

PALABRAS CLAVE: Códigos Culturales, Religión, Geografía.

INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural é uma das tendências dentro da ciência geográfica que estuda as diferentes formas de espacialização construídas pelo homem. Seu enfoque está na descrição e análise dos códigos culturais materiais e imateriais, ou seja, de como as formas de linguagem, religião, artes, crenças e outros fenômenos culturais

se transformam ou permanecem constantes em determinado espaço. A partir deste raciocínio, destaca-se a religião como um dos principais códigos culturais relacionados a diferentes grupos étnicos que contribuíram para a construção do espaço sociocultural das distintas regiões de determinados países. De um modo geral, pode-se dizer que a religião é o conjunto de crenças ligadas ao mundo sobrenatural ou ainda do divino e sagrado, bem como a soma de rituais, práticas, ensinamentos e, até mesmo, mandamentos e leis que fazem parte dessas crenças.

Salienta-se que a música, dança, linguagem e objetos (instrumentos musicais, artigos sacros, entre outros...) são signos intrinsecamente associadas em diversas culturas e é através delas que se expressam as manifestações culturais dos distintos grupos étnicos. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo ressaltar os códigos culturais mais visíveis dentro das manifestações de religiões afros, onde as mesmas indicam a arte de expressão dentro do código cultural religião.

Com raízes africanas, a religião afro-brasileira, umbanda, também se popularizou entre os brasileiros, aliando práticas de diversos credos, entre eles o catolicismo. Esta religião originou-se no Rio de Janeiro, no início do século XX, e incorpora em seus ritos, o toque do atabaque (tambor) e movimentos corporais que se identificam como dança. A dança afro-brasileira compõe-se de um conjunto de diferentes danças e dramatizações, que apresentam características em comum a raiz africana. Recriada no Brasil, em diversos períodos e regiões, esta herança foi conquistando novos significados e expressões, ou seja, como toda cultura, foi se resignificando no decorrer do tempo.

Os estudos que versam sobre as temáticas religiosas e culturais dentro da geografia, principalmente relacionados as religiões afro, são restritos e necessitam de um olhar geográfico. As manifestações tanto culturais quanto políticas, estão ganhando força e novas espacialidades vem se formando diante de inúmeras apresentações das religiões como forma de dinamização da cultura no espaço, o que justifica a relevância desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado destacam-se que nos terreiros de cultos afros em geral, o código cultural dança está presente na maioria dos trabalhos espirituais, o que causa questionamentos e interpretações diferenciadas por parte da população. Algumas justificativas podem ser explicadas a partir da cultura afro, pois tanto o candomblé quanto a umbanda remetem diretamente a história dos povos afro-brasileiros que tem na dança e na música uma forte representação cultural. Neste sentido, pode-se dizer que estes códigos são registros formais de um saber que são representados somente pelas vozes do corpo e do gesto (CARDOZO, 2006).

Muitos aspectos dessa integração podem ser percebidos no toque do atabaque, que é o chamamento das entidades para a corrente do ritual. A dança afro “[...] incorpora a dança dos orixás sem o caráter ritualístico ou litúrgico dos candomblés, adaptada para o palco a partir do terreiro” (LIMA, 1995).

Ainda que a misticidade das religiões afro possa agrupar diversos elementos capazes de se tornarem aleatórios a ponto de ocorrer especificamente em um local, não é somente na Umbanda e Candomblé que a música, dança e códigos imateriais estão interligadas. A cultura afro-brasileira é muito mais que isso. Ultrapassa as barreiras sociais as quais ocultam os princípios e o espaço de reafirmação desta cultura.

Um dos exemplos mais conhecidos que conquistou vários países é a capoeira, que pode ser considerada rica em expressão cultural e artística e faz parte da cultura afro-brasileira. Ela é uma mistura de arte-marcial, esporte, cultura popular e música. O berimbau é o instrumento musical que abre e fecha uma roda de capoeira. As danças são manifestações em cultos e rituais religiosos das mais variadas vertentes. É através dela que nas religiões afro podem-se identificar algumas entidades. As danças dos orixás são executadas sob um ritmo específico para as divindades africanas e cada uma terá traços coreográficos próprios. (SABINO; LODY, 2011).

Nas religiões cristãs e nas suas diferentes manifestações contemporâneas também encontramos a dança como maneira de expressar, louvar e reverenciar a Deus. A comunicação com o astral, com o mundo espiritual está diretamente relacionada com a energia que o corpo atrai ou libera. Essas expressões corporais dão origem a uma cápsula de força que se estende pelos terreiros. É através desta energia que o homem entra em contato com o espaço sagrado e realiza suas manifestações religiosas através dos cultos.

Como pontos importantes do trabalho devem-se ressaltar a dança, a comunicação e a música, pois é através destas que a arte e expressões se concretizam nos terreiros e casas de cultos afros.

A dança é um fator fundamental para o recebimento das entidades. Da mesma maneira que o preto velho orienta sobre as angústias com suas histórias de encarnações passadas, outros guias e orixás se manifestam enviando as suas histórias contadas através da dança. As coreografias das danças dos orixás remetem à mitologia de cada um, representando seus feitos, suas características individuais e suas histórias (SABINO; LODY, 2011). Os rituais dessas religiões correspondem a uma forma de oração corporal, ou ainda uma prece em movimento.

Ainda na dança afro, concretiza-se o fenômeno mediúnico no movimento. Fato que ocorre na dança ritualística, onde o médium comunica corporalmente seu estado de transe e deixa manifestar-se o outro espiritual que naquele momento apodera-se, mesmo que parcialmente, em sua mente. O médium libera a energia pelo seu guia e o círculo feito durante a dança afasta tudo que se refere ao mundo exterior. Concentra-se ali apenas o que é espiritual e divino, sucedendo então, a união do sagrado com o profano.

Os povos ou tribos africanas, de onde é procedente a grande maioria dos orixás e possivelmente outras entidades como pretos velhos e caboclos, não dominavam a escrita, e por consequência disto, inserem na dança um meio de preservação das tradições religiosas e culturais. A dança ritualística da umbanda e candomblé não é só expressão corporal, sua função também é transmitir informações míticas sobre a entidade, que como consequência, ela integra aspectos sociais, espirituais e cósmicos. Desta forma, utiliza-se de movimentos que expressam suas tradições, o contato como mundo espiritual e a alteração da consciência.

Entre as manifestações por dança a apresentação de Ogum no terreiro tem movimentos rápidos e fortes, ilustrando a movimentação que esse orixá realiza quando utiliza sua arma para abrir a mata ou em uma batalha. A sua manifestação em casas religiosas, já que é considerada uma entidade guerreira, evidencia na dança a sua espada com movimentos rápidos, abrindo os caminhos mostrando vigor. Os gestos e performances ajudam as pessoas, presentes nos cultos, o distinguir de outras entidades. A sua chegada aos terreiros é caracterizada por momentos de integração por parte de todos os médiuns, onde ele passa a ser o dono da força maior. O ritmo é improvisado pelos atabaques e com canto.

O orixá Iansã em sua dança mostra qual é seu objetivo em um terreiro. Geralmente ela faz gestos imitando uma “ventania” para espantar os outros espíritos sem luz que circundam a corrente dos médiuns e, conseqüentemente, a casa em que o culto está sendo realizado. Ela também é considerada guerreira, e em algumas festas realizadas em datas comemorativas, se junta a Ogum em uma demonstração de lutas de espadas. Os gestos com leveza e, ao mesmo tempo, desbravados remetem ao público os grandes confrontos em época de batalhas e guerras.

Outro exemplo de entidade significativa nas manifestações religiosas afro, é Iemanjá. Ao contrário de Ogum, sua dança é serena, com gestos suaves e sua leveza trás, aos participantes dos cultos, a sensação de estar no fundo do mar. Mais precisamente, as danças de Iemanjá são constituídas por movimentos abertos, onde os pés posam mais ao chão demonstrando o equilíbrio. Os braços movimentam-se com grande fluidez e suavemente. O corpo fica levemente dobrado para o chão em uma forma redonda lembrando a forma materna da entidade e a sua característica em acolher e também a conduzir os seus filhos. Simbolicamente, o corpo expressa o movimento rítmico das ondas e trás consigo o mistério do fundo do mar para as superfícies, assim como o encanto das águas.

Para Rosendahl (1996, p. 30) “O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”.

Neste sentido, a dança passa a ser considerada uma forma de manter esta ligação entre os homens e seus deuses, transcendendo a existência do próprio homem para o universo por ele idealizado.

O médiun ao deixar a entidade se manifesta e incorpora também a essência da mesma, deixando seu corpo livre para suas atividades. Eles trazem essa experiência para seu cotidiano e sua visão de mundo reflete as representações que se tem sobre essa entidade, e é a partir delas que os indivíduos constroem a realidade social em que vivem. Existem relações entre a vida religiosa e o cotidiano as quais se realizam em determinadas condições culturais e na posição do sujeito na estrutura religiosa. (GIL FILHO, 2008). Neste sentido, pode-se constatar que a religião, de fato, norteia o modo de vivência do homem.

A comunicação das entidades com os médiuns também deve ser levada em consideração. É realizada através de representações simbólicas que podem ter sido herdadas dos negros. No tempo da escravidão, às rotas para os quilombos eram marcadas com símbolos que apenas os escravos sabiam o seu significado. Os negros fugitivos se comunicavam por desenhos feitos em matas, para identificar as rotas de fugas.

A partir destes desenhos em rochas, árvores, e até mesmo, em folhas passaram a se caracterizar como uma escrita entre os negros, já que os mesmos não sabiam ler e escrever. Atualmente, esses símbolos são utilizados nas religiões afro para a distinção de cada entidade. São pontos que também tem como finalidade o equilíbrio da corrente mediúmica a que estão atrelados.

Os desenhos em madeiras são entendidos como códigos materiais, uma vez que os mesmos representam a escrita na época da senzala. Arco e flecha, sol, lua e estrelas simbolizam a sua interação com a natureza. Os orixás são comumente representados cenicamente portando uma ferramenta, uma espécie de insígnia que “[...] identifica o caráter, a função e a história dos orixás”. (SABINO; LODY, 2011).

Outra forma de arte importante nas religiões afro-brasileiras e de matriz africana, é a música. É através dela que ocorre a conexão do homem com o meio sagrado. Ela é fundamental nas religiões afros, pois é através do canto das pessoas e dos médiuns, que as mesmas recebem as entidades.

Relacionado a música e dança, está o atabaque. Ele é um instrumento musical de percussão, o qual é constituído de um tambor cilíndrico ou cônico, com uma das bocas coberta de couro geralmente de boi ou bode. É considerado a chave da conexão entre o espaço sagrado e o profano, onde o som é a chamada das entidades, para as mesmas se manifestarem nos terreiros. O atabaque ainda tem a função de alegrar e estabilizar a corrente de uma forma contínua, até que o culto termine.

Os atabaques no candomblé e também nas religiões afro-brasileiras, são objetos sagrados e renovam anualmente o axé. São usados unicamente nas dependências dos terreiros ou centros de umbanda e não saem para a rua como os que são usados em blocos de afoxés (grupo de instrumentistas), pois estes são preparados exclusivamente para estes fins. Esta é a principal diferença entre o atabaque do candomblé e do atabaque instrumento musical comprado nas lojas com a finalidade de apresentações artísticas, que normalmente são industrializados para tal finalidade.

Dando ênfase ao instrumento de percussão nas religiões em questão, pode-se considerar a relação do mesmo com os orixás. O toque dos atabaques para Oxum, por exemplo, que tem como característica a calma e tranquilidade, tende a ser coerente com a personalidade da entidade, sendo tocado lentamente, esbanjando a sensualidade que o orixá possui. Já o toque para Iansã, que é a divindade dos raios, tempestades e ventanias, é agitado, acelerado e até mesmo bravo, como uma trovoadas.

Tem-se, também, com exemplo desta manifestação, o toque do atabaque para Cosme e Damião. Esses são tocados de forma agitada, pois geralmente seus pontos, trazem a diversão e histórias espirituosas, por se tratarem de crianças. Com ele vêm as brincadeiras e as danças envolvendo todos do culto.

O canto e os atabaques são importantíssimos nos cultos, pois têm a função de invocar as entidades e trazê-las por meio do transe mediúnico. Eles ainda podem ser considerados os mensageiros do culto e servem de ponte para a transição do médiun e a incorporação das entidades.

Ainda sobre as “músicas” sagradas, próprias de cada linha ou de cada manifestação da energia dos orixás, é possível ler estes movimentos, que acabam trazendo histórias e memórias de um passado muito remoto.

Os Pretos Velhos, por exemplo, cantam sobre a experiência vivida no tempo de escravidão. Destaca-se como exemplo, o canto em terreiros. Nele pode ser evidenciada a passagem de uma entidade denominada Maria Conga

“Todo dia era dia de choro e de muita dor
Mesmo assim uma escrava chegava de bom humor
Quem chorava passava a sorrir
Quem caía ficava de pé
Ela era a esperança o amor e a fé
Na passagem de um mundo pro outro seu povo sentiu
E aquela doçura e alegria não mais existiu
Ela disse que ia voltar precisando pode lhe chamar
Pra Aruanda o tambor pode tocar
Conga, Vó Maria Conga
Que saudades de você
Preta velha feiticeira rainha do Catereté”.

Cabe ressaltar que não é somente nos pontos de preto velhos que é possível visualizar estes movimentos e as histórias do passado das referidas entidades. Cada divindade tem sua lei dentro do terreiro, são doutrinados de uma maneira diferente as que viviam “em terra”, porém percebe-se que as lembranças ficam e é com a música que eles expressam seus sentimentos.

Enfatiza-se também a capoeira na arte das religiões afro-brasileiras ressaltando-se, alguns pontos. Em primeiro lugar, para ser um capoeirista não é necessário ser praticante de candomblé e umbanda, embora muitos sejam e a capoeira, como um sistema dinâmico, evidencie alguns traços estruturais que revelam a ligação com essas religiões. O mais evidente dos traços é a referência explícita aos orixás como seus nomes, cores e atributos nas cantigas e nos nomes de alguns capoeiristas. Outra referência é a presença de três berimbaus acompanhados por atabaque, agogô, pandeiro e caxixi. Os berimbaus, como os três atabaques do candomblé, são considerados objetos sagrados e a eles se pede a bênção antes de começar o jogo. Só assim, iniciam-se os jogos corporais que encantam com a demonstração do domínio do corpo por parte dos capoeiristas.

Ressalta-se que diante da ligação dos grupos de capoeira em relação ao universo de valores e códigos culturais afro-brasileiros, estes fazem com que a capoeira esteja presente em grande parte das festas e eventos realizados pelos candomblés e umbandas, como festas de Iemanjá, desfiles de afoxés e blocos afros, procissões realizadas para Ogum e outros orixás e, até mesmo, nas cerimônias religiosas, como casamentos e batizados.

As questões relacionadas à religião tornaram-se preocupações de estudos e discussões para diversas ciências, com a Antropologia, a Sociologia e a Geografia. Desta forma, vários questionamentos foram colocados para a população não só acadêmica, mas também, no geral. Isso acarretou em outros diferentes modos de aliar a sociedade com os conceitos e explicações encontradas pelas ciências humanas.

Assim, como o interesse de pesquisadores a estudar as diversas formas de entendimento de religiões, também veio o interesse dos artistas. O ramo artístico passou a valorizar as histórias dos negros e como elas desenvolveram diferentes formas de expressar seus conhecimentos.

Em meados da década de 70, a cantora Clara Nunes, introduziu, em suas letras musicais, a religiosidade do candomblé e o inseriu na música popular brasileira através do samba. Ela consolidou sua carreira artística fortemente marcada por um estilo e uma imagem que a aproximava do samba e da umbanda, o que levou a ser considerada “Sambista, Cantora de Macumba”. A canção abaixo é a mais popular da artista e é tocada até os dias atuais em diversos terreiros do Brasil:

Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!
Mas Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!

Iansã penteia
 Os seus cabelos macios
 Quando a luz da lua cheia
 Clareia as águas do rio
 Ogum sonhava
 Com a filha de Nanã
 E pensava que as estrelas
 Eram os olhos de Iansã
 Mas Iansã, Cadê Ogum?
 Foi pro mar!
 Iansã, Cadê Ogum?
 Foi pro mar!
 Na terra dos orixás
 Um amor se dividia
 Entre um deus que era de paz
 E outro deus que combatia
 Como a luta só termina
 Quando existe um vencedor
 Iansã virou rainha na coroa de xangô
 Mas Iansã, Cadê Ogum?
 Foi pro mar!
 Iansã, Cadê Ogum?
 Foi pro mar!

A partir desta nova inspiração da cantora, o candomblé e a umbanda ganharam popularidade, tornando-se enredo de escolas de samba, alegoria de blocos carnavalescos principalmente em Salvador e Rio de Janeiro, elementos de trama de novelas e, também, tema de músicas interpretadas por cantores da música popular brasileira (MPB). Cita-se, como exemplo, o cantor Caetano Veloso, que demonstra, em algumas de suas composições, a imagem de Ogum e São Jorge, saldando a entidade, demonstrando aderência pela religião. Ele também compôs inúmeras canções para os afoxés, que têm em suas características, os ritmos e letras das cantigas dos orixás que são utilizados como parte fundamental de seu repertório.

Destaca-se a contribuição da música, cantos, danças e do sincretismo religioso na mídia, principalmente na televisão por meio de diversas novelas que passaram a ter como enredo, a escravidão e a religiosidade afro. Somam-se, a esses temas, as manifestações do negro no território nacional bem como as dificuldades encontradas com o preconceito direcionadas a este grupo étnico.

Em décadas passadas, uma emissora de televisão aberta exibiu, em sua transmissão, uma novela que apresentava como tema central a escravidão antes, durante e após a abolição da escravatura. Uma das trilhas sonoras que fazia parte da mesma era interpretada pelo grupo musical Cidade Negra, o qual se destacou no universo umbandista e do candomblé. A letra e melodia retratam e exaltam a história do povo da senzala e expressões muito comuns nas religiões africanas e afro-brasileiras:

Ayê
 Ayê mãe África
 Seus filhos vieram de longe
 Só pra sofrer
 Ayê
 Ayê mãe África
 Todo guerreiro
 No seu terreiro
 Sabe sua lei
 E vai coroar negro rei
 Ayê, ayê, ayê
 Ika adobale ô
 Ika adobale a

Ika adobale a, ea
Mãe África
Prende a tristeza meu erê
Sei que essa dor te faz sofrer
Mas guarda esse choro
Isso é um tesouro
Ó filhos de rei
O sol que queima a face
Aquece o desejo mais que otin
O sal escorre no corpo
E a dor da chibata é só cicatriz
Quem é que sabe como será o seu amanhã
Qualquer remanso é o descanso pro amor de Nanã
Esquece a dor axogun
Faz uma prece a Olorun
Na força de Ogun
Prende a tristeza meu erê
Sei que essa dor te faz sofrer
Mas guarda esse choro
Isso é um tesouro
Aos filhos de rei
Ayê yê yê, ayê yê yê
Ayê yê yê, ayê yê yê
Ayê mamãe África, o meu ilê
Ayê yê yê, ayê yê yê
Ayê yê yê, ayê yê yê
Brasil, mamãe África, meu ilê

A canção não ficou apenas em uma trilha sonora de novela, mas também passou a ser tocada em diversos centros de cultos afros existentes em todo o território nacional, ainda que as entidades prefiram o toque do atabaque e pontos criados por eles mesmos. A letra emociona os praticantes destes ritos, pois a mesma delimita uma história de luta, de resistência que resultou em uma cultura significativa da identidade brasileira.

É importante ressaltar que a capoeira foi proibida durante muito tempo, pois ela era considerada uma luta violenta e perigosa, e as religiões afro-brasileiras que se criaram como a Umbanda, e as de matriz africana, como o Candomblé, censuradas por serem associadas a magia negra.

Diante dessas informações ligadas aos códigos culturais dentro da própria religião, pode-se dizer que umbanda, quimbanda, candomblé, e outras religiões deste seguimento, ainda passam por um processo de afirmação religiosa dentro do território brasileiro. Existem inúmeros terreiros e casas que são clássicos e que assim como igrejas centenárias, poderiam ser transformados em patrimônios culturais, demonstrando a importância destes códigos materiais e imateriais na formação sócio-espacial da cultura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os códigos culturais das religiões afro não deixam de ser a demonstração das pessoas por meio das diferentes formas de manifestações que estão associadas às crenças, aos cultos espirituais e aos inúmeros rituais dedicados aos deuses, seres ou forças que consideram sobrenaturais. A música e a dança são linguagens privilegiadas na própria religião onde os deuses vêm à terra para dançar invocados pelas músicas, apresentando grande número de expressões artísticas da cultura brasileira. De modo geral, a arte religiosa tem como objetivo promover, em uma pessoa ou grupo religioso, sentimentos de pertencimento e envolvimento em cerimônias ou práticas religiosas.

A dança constitui-se numa forma de manter forte a ligação entre os homens e seus deuses, transcendendo a existência dos primeiros para um universo idealizado. Aqueles que dançam o caboclo incorporam, em

todos os sentidos, sua essência e trazem essa experiência para seu cotidiano, sua visão de mundo reflete as representações que se tem sobre essa entidade sendo a partir delas que os indivíduos constroem a realidade social em que vivem.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia. **Povo-de-Santo, Povo-de-Festa: o estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista**. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- AMARAL, Rita de Cássia, SILVA, Vagner Gonçalves da. Foi conta pra todo canto. Música popular e cultura religiosa afro-brasileira. In: Afro-Ásia, Salvador, UFBA, n. 34, pp 189-235, 2006.
- A ARTE nos rituais da umbanda - Disponível em: . Acesso em: 11 set. 2015
- A DANÇA na Umbanda - Disponível em: . Acesso em: 06 set. 2015
- ARTE e Religião – Disponível em: . Acesso em: 08 set. 2015.
- BAPTISTA, Rachel Rua. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARBARA, Rosamaria. **A Dança das Aiyabás: Dança, corpo e cotidiano das mulheres no candomblé**. Tese de Doutorado em Sociologia. USP, São Paulo, 2002.
- CAPOEIRA, Nestor. **O pequeno manual do jogador de capoeira**. São Paulo: Ground, 1981
- CARDOZO, Kelly, A. **Dança Afro: O que é e Como se Faz!** Minas Gerais, 2006. 15 f. Monografia (Especialização em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.
- CLARA Nunes e o Candomblé. Disponível em: <<http://musicaemprosa.musicblog.com.br/262553/Clara-Nunes-e-o-Candomble/>>. Acesso em: 04 set. 2015.
- DANÇA Afro-brasileira – Um pouco de história. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2015.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado: Estudo em Geografia da Religião. Curitiba: IBPEX, 2008.
- LETRAS de músicas. Disponível em: <<http://letras.mus.br/>>. Acesso em: 12 set. 2015.
- LIMA, Nelson. **Dando conta do recado - A dança afro no Rio de Janeiro e suas influências**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- PONTOS de pretos velhos. Disponível em: <<http://reidospontos.blogspot.com.br/p/pontos-de-preto-velho.html>>. Acesso em: 24 jun. 2015.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ /NEPEC, 1996.
- SABINO, Jorge; LODY, Raul. Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- SILVA, Vagner Gonçalves da.; BAPTISTA, Rachel; AZEVEDO, Clara; BUENO, Arthur. Madrinha Eunice e Geraldo Filme: Memórias do Samba Paulista. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Artes do Corpo. São Paulo: Selo Negro. 2004.